

## À perplexidade, a complexidade: a relação entre consumo e identidade nas sociedades contemporâneas

Ana Lucia S. Enne<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo busca refletir sobre a relação entre consumo e identidade nas sociedades atuais, tomando como ponto de partida alguns exemplos concretos, mas em especial os *otaku*, jovens japoneses que optam por viver uma vida virtual, com referências ao universo pop e digital. Nossa questão principal é tentar entender a construção das identidades sociais como processo cultural e de que maneira se dá, no mundo contemporâneo, a relação desse processo com a mídia e o consumo.

**Palavras-chave:** Identidade; consumo; *otaku*; processo.

### ABSTRACT

*This article intends to be a reflection on the relation enters consumption and identity in the current societies, taking as starting point some concrete examples, as the otaku, japanese young that living a virtual life, with references to the universe pop and digital world. Our question is to understand the construction of the social identities while cultural process and the relation of this process with the media and the consumption.*

**Keywords:** Identity; consumption; *otaku*; process.

<sup>1</sup> Jornalista formada pela PUC-RJ, doutora em Antropologia Social pelo PPGAS-Museu Nacional-UFRJ, professora do Departamento de Estudos Culturais e Mídia e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde coordena o LAMI (Laboratório de Mídia e Identidade).

## 1 Introdução

Perplexidade. Quando terminamos de assistir ao filme *Tiros em Columbine*, de Michael Moore (*Bowling in Columbine*, EUA, 2002), ou de devorar o livro *Otaku, os filhos do virtual*, de Étienne Barral (2000), essa é, sem dúvida, a impressão deixada pelos dois autores diante dos fatos sociais que ambos, em linguagens e estilos diferentes, descrevem.

Moore, um norte-americano nascido na cidade de Flint, no Michigan, discute em seu polêmico documentário o marcante episódio do massacre impetrado por dois adolescentes, Eric Harris e Dylan Klebold, no colégio de Columbine, na então pacata cidade de Littleton, no Estado do Colorado. Portando armas compradas legalmente, os dois jovens, depois de passarem pelo boliche da cidade e jogarem duas partidas amistosas (o que explica, inclusive, a ironia contida no nome original do filme), se dirigiram à escola, onde dispararam mais de novecentos tiros, feriram dezenas de alunos e levaram à morte catorze alunos e um professor, antes de se suicidarem. No documentário, Michael Moore mescla a narrativa sobre o acontecido no Colorado com uma série de outros registros sobre violência nos EUA e depoimentos controversos sobre a “sociedade americana”.

Étienne Barral, jornalista francês que residiu no Japão por muitos anos, trabalhando para empresas de mídia local, traça um detalhado panorama da geração de adolescentes japoneses que cresceu sob a tutela da mídia e da sociedade de consumo que vigora no país, principalmente nas três últimas décadas. Mostrando como esses jovens japoneses irão criar mundos de exclusão deliberada da realidade cotidiana, Barral faz uma série de entrevistas e coleta material publicado sobre os chamados *otaku*, ou melhor, os jovens que renunciam a um ingresso definitivo na sociedade adulta japonesa e preferem isolar-se em um mundo virtual, onde imperam os *comics* e *mangás* (ambos dentro da pro-

missora indústria de história em quadrinhos), as bonecas *barbies* e os desenhos animados, os *games*, a internet e o mundo pop. Por fim, o autor procura mostrar a fatal associação entre os jovens *otaku* e a seita Aum, responsável pelo lançamento de gás sarin no metrô de Tóquio em 1995, matando doze pessoas e ferindo mais de cinco mil.

Como podemos ver, são diversos os pontos convergentes entre os dois autores. Ambos vão retratar gerações de jovens, em sociedades tão distintas como os Estados Unidos e o Japão, enquadradas por um mesmo sistema econômico, que coloca o consumo como fator primeiro da constituição da identidade social. Dessa forma, a não adequação do indivíduo a esse padrão consumista imposto levaria, em muitos casos, à sua exclusão e estigmatização social. Tanto Moore quanto Barral demonstram como as práticas de humilhação e segregação em relação ao “diferente” podem criar indivíduos marginais e rancorosos com as sociedades nas quais se inserem. Não por acaso, Barral compara o *otaku* japonês ao *nerd* americano (Barral 2000: 24), ou seja, ambos são o que sociologicamente já se trabalha como um tipo social contemporâneo e complexo: o *freak*.<sup>2</sup> E ambos os autores vão indicar de que forma tais processos de padronização podem levar a reações idiossincráticas muitas vezes violentas.

Mas, sem dúvida, o principal ponto de convergência nesses dois relatos veementes sobre a nova ordem social globalizada é a perplexidade, estampada tanto pelo cineasta quanto pelo jornalista em suas produções. No entanto, tal perplexidade descola-se do objeto primeiro de análise, ou seja, os jovens envolvidos nos episódios descritos (no caso dos americanos, os atiradores de Columbine, e no campo dos japoneses, os *otaku*), para projetar-se sobre as sociedades nas quais eles se inserem. Os dois autores mostram-se estupefatos com a dificuldade de tais sociedades admitirem que podem ser responsáveis pela produção de uma cultura encompassadora, embora pautada em ideais individualistas, que muitas vezes resulta em atos violentos de

<sup>2</sup> O *freak* pode ser entendido como o “bizarro”, o “anormal”, o “esquisito” e passou a designar, dentro da cultura adolescente norte-americana, todo aquele que não se enquadra ou se ajusta aos valores vigentes. Ver, por exemplo, Mannix (1999) e Milner Jr. (2004).

desespero por parte daqueles que não conseguem se adaptar. O olhar de ambos, se não chega a ser explicitamente simpático ou complacente com os atos de violência e com seus agentes, é antropológicamente compreensivo com a alteridade e o possível caráter de resistência de tais atos diante das imposições sociais. Nesse ponto, Barral e Moore criticam duramente as sociedades que descrevem e procuram situar seus leitores e espectadores nos contextos históricos, sociais e culturais que produziram tais ações extremadas.

Étienne Barral, especificamente, faz de seu livro mais do que uma investigação jornalística, sua proposta original, e constrói um relato etnográfico. A preocupação em descrever, sem julgar, o universo dos *otaku*, até mesmo dando voz a eles, por meio de entrevistas que nos permitem conhecer suas histórias de vida, é um caminho muito rico para descobrirmos as possibilidades múltiplas de construção das identidades no mundo contemporâneo, como tantos outros autores já vêm apontando academicamente.

As marcas de uma sociedade consumista, especialmente em relação às tecnologias da informação, estão lá. Os jovens *otaku* são viciados em tecnologia. Trabalha-se para comprar computadores, vídeos, filmadoras, máquinas digitais, que permitam o acesso a um mundo virtual, em que a companhia de bonecas, monstros, heróis e anti-heróis, artistas pop e astros dos quadrinhos é preferida à de pessoas em carne e osso, com as quais evitam conviver. Daí o termo *otaku*, utilizado para batizar tal geração, que, etimologicamente, possui dois significados básicos na sociedade japonesa: serve para designar casa, casulo, local de abrigo, e também para indicar tratamento formal entre pessoas que se conhecem mas não privam de intimidade. Portanto, o termo *otaku*, empregado para designar essa geração, primeiramente em 1983, em um artigo do ensaísta japonês Akio Nakamori, e só depois de 1988 incorporado definitivamente pela mídia nipônica (quando Tsutomu Miyazaki, um rapaz classificado como *otaku*,

foi responsável pela morte de quatro meninas, atraindo os olhares e a condenação dos mais diversos segmentos sociais), refere-se a uma geração que se recolhe frente ao espaço tradicional de socialização e envereda por mundos virtuais, em um mergulho de corpo inteiro no universo das novas tecnologias.

Depoimentos como o de Watanabe Koji, jovem *gamer* nascido em 1962, de que “à noite sonhava que fazia amor com seu Macintosh” (Barral 2000: 17), ou de Hashimoto Hiroki, médico diplomado de 35 anos que abandonou a carreira e “passa os dias fechado em seu quarto fazendo maquetes de avião e submarinos” (Idem: 38), ou ainda de Kawamorita Yu, 36 anos, “célebre por sua coleção de bonecas e pela relação que mantém com elas” (Idem: 44), são expressivos da chamada conduta *otaku*. Ao falar de Ranze, sua primeira boneca, Yu conta como se sente:

“[...] É preciso esforçar-se tanto para atrair a atenção de uma garota que me parece além de minhas forças. Além do mais, sou complexado, me acho desprezível. Estaria mais seguro na minha casa, lá ao menos podia relaxar. [...] À noite, eu ficava ansioso para voltar. Ela [Ranze] me esperava. Era minha amiga. Eu falava com ela, contava-lhe o meu dia. É claro que ela não podia responder, mas minha imaginação fazia o resto. Às vezes eu escutava o som de sua voz. Eu supria seu silêncio” (Barral 2000: 46).

Da mesma forma, Barbie Tsuyuki, que se autodefine como “pesquisador de bonecas Barbie” e edita, com seus próprios recursos, o fanzine *As fotos sensuais de Barbie*, possui a sua boneca Barbie preferida, batizada de Jenny, com quem mantém uma estreita relação, por ele definida como ideal porque “[...] com um ser humano, é sempre preciso levar em conta os sentimentos do outro, não é mesmo? Isso é exaustivo. O amor unilateral é melhor” (Barral 2000: 60).

A questão da alteridade, a relação com o outro, transparece como central nesses e em muitos outros depoimentos citados no livro, dos quais pinçamos somente alguns. Assim como Moore,

Barral procura mostrar a intensidade com que o sistema de ensino japonês, celebrando o sucesso e condenando o fracasso individual, aliado a uma cultura de consumo padronizante, esgota os indivíduos que não se sentem inseridos e acaba deixando pouca margem de manobra para suas realizações dentro das esferas públicas convencionais. A busca pelas novas tecnologias e a imersão em seus universos é uma saída possível. Pegar em armas e promover extermínio em série é outra (embora, também para Moore, os jovens atiradores de Columbine estivessem imersos em uma cultura de consumo e tecnologia). Barral escolheu descrever a primeira, sem, contudo, deixar de alertar o mundo acerca das possibilidades de uma radicalização da desesperança levar a atos de terror e violência. E ambos não excluem, de forma alguma, a mídia e seus tentáculos da responsabilidade por cultivarem uma sociedade adoentada e amedrontada, que estimula as práticas de exclusão e de anulação das identidades individuais em prol de um consumo massificado.

Partilhamos, em muitos momentos, da perplexidade de Moore e Barral. No entanto, consideramos que o processo de constituição das identidades e alteridades no mundo contemporâneo é extremamente complexo, e que, exatamente por isso, requer uma análise que leve em conta o papel encompassador da sociedade de consumo, mas também o alargamento do *campo de possibilidades* (Velho 1987) para que o indivíduo possa produzir suas representações de si e configurar suas formas identitárias. Nesse sentido, entendemos que consumo e cultura são palavras-chave para compreendermos os processos de formação das identidades na contemporaneidade, mas antes de nos determos especificamente no quadro mais recente, buscaremos, na próxima parte deste trabalho, apresentar, ainda que de maneira breve, algumas considerações acerca do processo histórico que atravessa a modernidade e permite novas leituras sobre essas questões.

## 2 Identidades em processo

Em “O narrador”, Walter Benjamin afirma, a respeito das transformações diversas trazidas com a modernidade, que “uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos se encontrou ao ar livre numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças de torrentes e explosões, o frágil e minúsculo corpo humano” (Benjamin 1993: 198), reeditando assim a célebre constatação de Marx e Engels (1993: 69) de que tudo que era sólido se desmanchava no ar. Impermanência, velocidade, transformação são sem dúvida palavras-chave para a compreensão desse processo histórico que vai se configurando no mundo ocidental desde os primeiros séculos do segundo milênio da era cristã, em especial após o surgimento das universidades, o advento e a ascensão da classe burguesa, os movimentos renascentista e cientificista, a invenção e consolidação da imprensa, o protestantismo, as revoluções burguesas, dentre as quais, obviamente, destacam-se a industrial e a francesa, a constituição da classe operária e o crescimento urbano, dentre outros. Trata-se de um longo processo histórico, aqui apresentado em pinceladas para fins didáticos, que compreende intensos jogos de poder, negociações e conflitos, construções e desconstruções, e chega ao século XX como objeto de reflexão de diversos pensadores; dentre eles os que versam sobre temas como a emergente sociologia e a literatura, sobre os quais iremos nos deter mais detalhadamente a seguir.

As preocupações com a relação indivíduo *versus* sociedade estão no centro das reflexões sociológicas dos grandes clássicos da virada do século XIX para o XX, e também nas primeiras décadas do novo século, como Georg Simmel e Max Weber, para citar somente alguns dos mais reconhecidos, bem como nos livros de Henry James, Franz Kafka, Marcel Proust, James Joyce,

Virginia Woolf, Thomans Mann e Hermann Hesse, também para citar alguns dos mais referenciados.

Weber e Simmel vão indicar, em suas reflexões, que as *relações sociais* são lugares estratégicos para entendermos a formação das sociedades, já que é nelas que se dá o jogo interativo entre os indivíduos, que assumem papéis sociais de acordo com os contextos nos quais estão inseridos. Assim, em uma sociedade urbana, em que as práticas de interação são ampliadas por meio do alargamento do campo de possibilidades para projetos de configuração do *self* (Goffman 1989), temos, na concepção de Simmel, a incorporação, junto a um individualismo quantitativo (assegurado pelos valores republicanos que vão vigorar no Ocidente a partir de finais do século XVIII, embora não de forma homogênea e não sem disputas), de um individualismo qualitativo, em que os sujeitos buscam, diante da padronização do igualitarismo (em seus múltiplos aspectos, tanto no campo dos direitos como nas possibilidades de consumo seriado dadas pela industrialização da produção), formas de distinção e individualização (Simmel 1987). É nesse processo que se constitui, para o sujeito moderno, o seu potencial de metamorfosear-se em múltiplos, deslocando, paulatinamente, a percepção consolidada pelo racionalismo iluminista acerca da centralidade dos sujeitos e sua identidade essencialista, ancorada em liames tradicionais ou consolidados, como a língua, o pertencimento territorial e os laços sanguíneos, citando os mais óbvios (Velho 1999).

Assim, seria característica desse sujeito moderno, amparado pelo ambiente urbano, hiperestimulante e com um alargamento da consciência objetiva, hábitat das multidões e do anonimato, a percepção de que seria possível experimentar múltiplas vivências em termos identitários, sem necessariamente manter a ancoragem nos laços tradicionais. Benjamin irá falar do *flâneur*, do dândi, do boêmio e do artista, para citar alguns novos tipos sociais que irão povoar a “Paris, capital do século XIX” que ele também descreve, com base nas referências de Baudelaire (Ben-

jamin 1985). De forma similar, Simmel irá falar do *blasé* como atitude, pensada como um filtro para que o sujeito possa lidar com o hiperestímulo nervoso da vida metropolitana e da necessidade de visibilidade que irá tanto incomodar o indivíduo na metrópole, convocado a viver a angústia do anonimato, que lhe garante liberdade em termos de projeto e construção de si, mas, ao mesmo tempo, lhe acena com a solidão e com a indistinção das grandes massas (Simmel 1987).

Essas reflexões estão também na literatura que se produz no período, por sujeitos que estão vivenciando tais transformações. Em outro artigo, já abordei como a percepção do ego fragmentado aparece nas obras de Hermann Hesse (Enne 2005). Mas o mesmo poderia ser pensado nas reflexões dos demais autores já citados aqui, além de tantos outros. Estão lá as descrições acerca do *ethos* urbano e seus novos tipos sociais, os processos de desencantamento do mundo e a imersão da vida cotidiana em uma lógica burocratizante e racional, a angústia do anonimato e as estratégias de distinção, as sensações de impermanência, mudança e transformação, e, principalmente, a quebra nas narrativas encompassadoras e lineares, subversão da qual os chamados “romances de fluxo de consciência” são expressão tão significativa, com seus recursos de idas e vindas, memórias e projetos constituindo um presente que não é presente, em que os sujeitos se configuram e se reconfiguram sem cessar. Nessas obras, a percepção de que as identidades não se constroem essencialmente e de forma fixa já é evidente, e o processo histórico que marca em particular a consolidação da classe média no Ocidente no decorrer do século XX é tributário destas constatações: a complexidade da vida social e as múltiplas possibilidades de construção da subjetividade.

Em 2003, por exemplo, a escritora inglesa Patricia Cornwell publicou seu livro com o resultado de dois anos de pesquisa acerca da verdadeira identidade de “Jack, o estripador”, e a resposta para essa questão é bastante pertinente para o que estamos aqui descrevendo. Para Cornwell, Jack seria uma das múltiplas iden-

tidades do consagrado pintor inglês Walter Sickert, aclamado no mundo artístico pelo seu talento, mas também por suas atitudes exóticas e singulares. Menos nos interessam, de fato, o faro investigativo da escritora, as justificativas que ela dá para que Sickert seja Jack. O que nos interessa são suas observações sobre sua personalidade múltipla. Ele era ator e pintor, estando acostumado, portanto, a assumir várias personagens. Era um mestre nos disfarces, e a cidade de Londres, com suas ruas escuras, pouco iluminadas, no bairro pobre e densamente povoado de East End, se configurava como o cenário perfeito para a atuação desse ator simbólico mas também social, que matava prostitutas e debochava da polícia e da imprensa, conforme concluiu Cornwell. A temática do sombrio e do horror, relacionados claramente ao ambiente urbano, fundamental na análise de Cornwell, está no centro da literatura gótica do século XIX. Cornwell indica que no ano em que as mortes associadas a Jack aconteceram (1888), estava sendo encenada em Londres, com enorme sucesso, a peça *O médico e o monstro*, baseada no livro de Robert Louis Stevenson, sobre o “estranho caso de Mr. Hyde e Dr. Jeekyll”. O tema do duplo, da personalidade fragmentada capaz de conter o mal e o bem, é recorrente na literatura de horror deste período, como, por exemplo, em James Hogg e seu *Memórias e confissões íntimas de um pecador justificado*, publicado em 1824.

Mas é principalmente a percepção de Cornwell acerca da capacidade de Sickert de se metamorfosear que nos interessa aqui. Descreve a autora:

Os papéis de Sickert mudavam como a luz e a sombra que ele pintava em suas telas. [...] A vida de Sickert não tinha linhas nem limites, e ele mudava de forma de acordo com cada oscilação de seus estados de espírito enigmáticos e objetivos ocultos. Quem o conhecia, bem como quem só cruzava com ele de vez em quando, aceitava que ser Sickert significava ser o “camaleão”, o “poseur”. Ele era Sickert, de casaco xadrez vistoso, andando tarde da noite pelas ruas e becos agourentos de Londres. Era Sickert,

o fazendeiro, o cavalheiro do interior, o mendigo, o gostosão de óculos e chapéu-coco, o dândi de smoking ou o excêntrico de chinelas esperando o trem. [...] (Cornwell 2003: 306).

O camaleão é assim a figura máxima a expressar o potencial de metamorfose do sujeito moderno. Quando diversos autores mais recentes asseguram que as fronteiras que formam um grupo são móveis e não predeterminadas, ou seja, demonstram a impossibilidade de trabalharmos com visões essencialistas ou dualistas acerca dos sujeitos tanto em termos de identidades individuais quanto sociais, eles se encontram em meio a um processo de desconstrução da percepção de que o sujeito se constituía ou de forma unificada, como indivíduo, ou por contraste com os demais, de forma grupal. Stuart Hall, por exemplo, mapeia os principais movimentos de ruptura para com as concepções centralizadoras do sujeito no Ocidente e enumera, dentre outros, o marxismo, a psicanálise, o estruturalismo, a sociologia interacionista, o pós-colonialismo, a emergência de movimentos de minorias, as guerras e práticas de extermínio que varreram o século XX, as transformações nos campos das ciências humanas e sociais como alicerces para que as noções tradicionais de sujeito centrado e equilibrado, tributárias do racionalismo iluminista, fossem paulatinamente desconstruídas e questionadas (Hall 2003a).

Trata-se, portanto, de um longo processo histórico, de continuidades e rupturas, que irá configurar a modernidade no Ocidente desenvolvido e que, posteriormente, como um dos efeitos da globalização – sobre os quais falaremos brevemente na parte seguinte deste artigo –, construirá também a lógica identitária midiática e consumista que será partilhada, embora com níveis diferentes, também por países ocidentais pouco desenvolvidos e países orientais, resultando em algumas constatações fundamentais: o indivíduo, embora não sem percalços e obviamente com diversas instâncias atravessadoras (só para citar algumas, classe, gênero, contexto local e histórico etc.), passa a se perceber, cada

vez mais, autorizado a se constituir como sujeito, por meio de projetos de representação de si, nos quais sua margem de escolha é dada pela maior flexibilização das relações sociais. Com o esgarçamento dos laços tradicionais, especialmente para os setores médios urbanos do mundo capitalista, os lugares de ancoragem das identidades individuais e sociais cada vez mais irão ser buscados em outras referências, dentre as quais destacamos a relação entre corpo, consumo e mídia, sobre a qual falaremos no próximo ponto deste artigo.

### 3 Consumo e identidade

Se as percepções acerca dos processos de construção do sujeito foram mudando na modernidade, também as formas de pensar o consumo foram se transformando. Assim, algo que historicamente sempre foi intrínseco ao consumo social – ou seja, além de servir para seu fim primeiro (dar vazão à produção e satisfazer necessidades básicas de sobrevivência), o consumismo sempre foi simbólico e lugar de distinção social –, no decorrer da modernidade se evidencia cada vez mais, levando, no século XX, a uma percepção aguda do consumo como estratégia não só de emulação social, mas, principalmente, de construção de referências públicas acerca do lugar social que se deseja ocupar, do estilo de vida que se busca partilhar e, fundamentalmente, da construção de si que se quer projetar. Como tão bem nos lembram Mary Douglas e Baron Isherwood, não é possível desconhecer o caráter simbólico do consumo, pois “os bens são neutros, seus usos são sociais” (Douglas & Isherwood 2004: 36).

A associação entre consumo e estilo de vida é uma forte marca da lógica do capitalismo, em especial em sua versão pós-década de 1950, quando o sistema se orienta cada vez menos para a produção e mais para a esfera do consumo, estimulado pelos conceitos de velocidade, transformação e obsolescência, ambi-

guamente construídos em concomitância com uma convocação permanente a uma vida no presente, eternamente jovem e permeada por um hedonismo tipicamente contemporâneo, em que o desejo armadilhoso estimula o consumo, mas, sempre insatisfeito, é fonte inesgotável de ilusão, frustração e eterno recomeço. Assim, de atividade correlata a produção, até mesmo dela dependente e devedora, o consumo se transforma, principalmente a partir das últimas décadas do século XX, no carro-chefe do sistema econômico, base para o processo de globalização de hábitos e valores em escala mundial e principal lugar de identificação e projeção de marcas identitárias, principalmente se levarmos em conta que a flexibilização dos laços tradicionais que antes conferiam os suportes para a confecção das identidades leva os indivíduos a buscar outros parâmetros para suas ancoragens. E, de fato, quem irá servi-los mais claramente nesse propósito serão as mídias, que irão se expandir cada vez mais, graças ao desenvolvimento das novas tecnologias.

Na concepção de Colin Campbell, é na própria ambigüidade que constitui o processo histórico da modernidade – enaltecendo a razão e conjurando o emocional, embora sabendo-o inerente e constitutivo do existir – que reside a explicação para que, ao mesmo tempo em que celebra o acúmulo do capital, o mundo global enalteça o seu desmonte via consumo. Para Campbell, se Max Weber tinha razão quando afirmava que a ética protestante havia sido o amálgama para a constituição do espírito do capitalismo (e Campbell concorda com Weber), faltou, nessa análise e segundo Campbell, a percepção de que um outro *ethos*, o do romantismo, teria sido fundamental para a consolidação, por meio de seus valores, de um outro espírito, o do consumismo moderno. A ética romântica, com a valorização do desprendimento, da honra, do emocional, do arrebatamento e do prazer, teria alicerçado o lugar permanente, embora ambíguo, mas nunca contraditório, da emoção no mundo racional da produção (Campbell 2001).

Este seria, portanto, o cerne do processo histórico da modernidade: uma ambigüidade constitutiva entre o racional e o emocional, cobrando dos sujeitos projetos e escolhas acerca de suas condutas, conferindo-lhes autonomia e autoridade na construção de suas representações e papéis sociais, mas, ao mesmo tempo, por meio de uma enorme engrenagem cujo lugar central se daria através dos diversos meios de comunicação, estimulando-os a consumir não só para satisfazer necessidades básicas e marcar posições sociais, mas para se construírem mesmo, via consumo, como sujeitos. Mais ainda, como identidades que se constroem pela posse dos bens, mas também pelos atributos corporais que o consumo permite criar, como representações permanentes de si por meio das roupas e acessórios que agregam a seus corpos, das marcas temporárias e permanentes que corporalmente irão carregar, permitindo a identificação em tribos, como prefere Michel Mafesolli (2002), ou em comunidades nem sempre por escolha, como critica Zygmunt Bauman (2003), mas, principalmente, indicando outras formas de ancoragem do *self* que se destacam de forma clara dos liames tradicionais.

Voltando ao nosso tema reflexivo inicial, é via consumo e ancoragem das identidades em atributos corporais e bens adquiridos que se constroem as identidades dos *otaku*. Trata-se de um exemplo entre tantos outros, pois poderíamos, ao acaso, citar os surfistas, os clubbers, os punks, os mochileiros, os hippies, os yuppies etc. Trata-se de um sistema cultural extenso e ampliado pela ação midiaticizadora, que alarga os campos de possibilidades para a construção de identidades, naquilo que Douglas Kellner descreve como “cultura da mídia”, que criaria, por um lado, “formas de dominação ideológica que ajudam a reiterar as relações vigentes de poder”, mas, por outro, “fornece instrumental para a construção de identidades e fortalecimento, resistência e luta” (Kellner 2001: 10). Sobre esse ponto, nos deteremos na última parte desse artigo.

#### 4 A cultura como arena de disputas pelo direito de significar

O processo anteriormente descrito não nos deixa dúvidas acerca do lugar central do consumo na construção das identidades contemporâneas. Se a perplexidade é a atitude quase lógica de muitos analistas acerca de algumas manifestações mais contraditórias e eloqüentes, como o caso de Columbine e dos *otaku*, a complexidade tem que ser devolvida a essas análises, para que não caiamos em visões reducionistas que culpabilizem ou a sociedade ou os sujeitos por suas práticas muitas vezes chocantes ou não compreendidas.

É preciso lembrar o quanto a desconstrução dos entraves tradicionais flexibilizou a percepção dos indivíduos acerca das possibilidades de suas construções, naquilo que Félix Guattari vai destacar como uma infinita subjetivação, por meio dos processos de autopoética que caracterizariam o indivíduo na contemporaneidade, os quais, por paradigmas ético-estéticos, sem negar a emoção e sem exigir dos indivíduos compromissos com nada a não ser as possibilidades de construção, desconstrução e reconstrução, constituiriam o centro das subjetividades contemporâneas. Assim, diz Guattari, “não se está mais diante de uma subjetividade dada como um em si, mas face a processos de autonomização, ou de autopoiese (...)” (Guattari 1992: 18).

No entanto, alguns pontos, aparentemente ultrapassados porém ainda incômodos, precisam ser abordados. Se a mídia é hoje, universalizando valores e apresentando múltiplas imagens acerca do mundo, um lugar de ampliação das possibilidades de identificação, como tão bem indica Kellner, é também lugar claro de poder econômico e político. Nesse sentido, esvaziar as discussões acerca da construção das identidades de paradigmas políticos, evitando pensar em ideologias, em hegemonia e dominação, é também uma forma de simplificar processos comple-

xos. Se a modernidade permitiu a relativização dos parâmetros de identidade, conferindo liberdade e autonomia aos indivíduos em suas configurações e representações, isso se deu em sociedades de classe, com posições claramente demarcadas em termos ideológicos. E a mídia ocupa posição chave nesse jogo.

Assim, é preciso lembrar que as identidades são tanto representações como materialidades, mas se constituem, principalmente, no campo discursivo. São, antes de tudo, processos de comunicação. E como aprendemos com Bakhtin (1983), os signos são ideológicos e estão imersos em uma arena de disputas pelo direito de significar. Portanto, não se trata nem de desvalorizar o lugar dos indivíduos neste processo, já que suas subjetividades atuam na produção discursiva de suas identidades, nem de obscurecer o lugar de poder das representações hegemônicas. Como nos lembra Martín-Barbero (1997), trata-se de um jogo de sedução e negação entre aqueles que subjetivamente estão buscando construir suas representações de si e do mundo e aqueles que, por meio das mais diversas estratégias de poder, estão tentando impor suas concepções como hegemônicas.

Ao analisarmos as relações que se constituem, nas sociedades contemporâneas, entre os diversos agentes sociais e as estratégias de poder, é preciso lembrar que, como detalhou Fredrik Barth, as culturas são formadas complexamente, com base em correntes e fluxos, e para entendermos como elas podem se configurar no lugar central de disputas por poder, é preciso levar em conta que: a) os agentes que nela atuam são sempre atores posicionados; b) a cultura é sempre distributiva (ou seja, nem todos a produzem ou acessam da mesma forma); c) as fronteiras em que os agentes atuam são móveis e, portanto, os significados que as ações sociais produzem são sempre uma “relação” e não algo pronto e instituído, estando, portanto, sujeitos a disputas; d) os agentes se ancoram em correntes discursivas, em permanente movimento, para travarem os embates no campo do discurso e da cultura (Barth 2000).

Assim, é preciso cuidado, por exemplo, quando aproximamos realidades tão múltiplas quanto a dos *otaku* japoneses com a dos estudantes americanos ou os adolescentes de classe média brasileiros. Em primeiro lugar, porque só podemos tratá-los como tipologias ideais, no sentido weberiano, pois a realidade é infinitamente múltipla e fragmentada (Weber 1987). Em segundo lugar, porque mesmo levando em conta os indícios que a globalização da cultura, principalmente via tecnologias e meios de comunicação, nos apresentam em termos de padronizações de comportamentos e gostos, os atores, como dissemos antes, são sempre posicionados, e os contextos locais atuam sobre os globais, e ambos são tão diversos quanto as possibilidades de suas efetivações. Assim, quando pensamos, por exemplo, nos efeitos que a lógica das marcas têm sobre as gerações de jovens consumidores no mundo globalizado, como demonstrou Naomi Klein (2003), implicando em estilos de vida atemporais e sem referências espacializadas, também não podemos deixar de indicar que o símbolo da Nike, que no tênis ou na camisa do jovem da “classe média globalizado” é um indicativo de poder econômico e estilo de vida, quando na cabeça do jovem infrator recluso na unidade de confinamento, na realidade concreta do Rio de Janeiro, como tão bem estudou Janaína Abdalla (2003), pode ser reapropriado como protesto, ou necessidade de visibilidade e inserção, ainda que não indique poder de compra ou adequação a um estilo de vida não partilhado. Nesse sentido, a mesma marca que alija e desqualifica o adolescente pobre e infrator como não autorizado a construir para si projetos, no sentido iluminista, posto que tutelado por um estado e a mercê do acaso/destino pelas agruras da vida sem perspectivas imediatas, se oferece como signo para significações de resistência e possibilidades de inserção, mesmo que limitadas, porém publicamente reconhecidas, reatualizando, por meio de práticas de recepção e múltiplos usos, seu lugar de sujeito no processo histórico e lhe devolvendo, de alguma forma, o direito de se projetar.

Dessa forma, acreditamos ser vital, hoje, estendermos, como propõe Stuart Hall (2003), a luta por poder das esferas políticas e econômicas para o campo da cultura. Portanto, a construção das identidades e sua relação com o consumo são pontos centrais para pensarmos as disputas pelo direito de significar. Não podemos perder de vista o quanto a cultura midiática é, no entanto, esse lugar ambíguo, que tanto permite ampliar a margem de possibilidades para que os indivíduos construam suas subjetividades, quanto se presta às estratégias de legitimação do poder hegemônico. Essa constatação nos permite a perplexidade, sempre bem-vinda quando precisamos manter despertos nosso senso crítico e nossa capacidade de nos indignarmos com todas as formas de opressão. Mas à perplexidade é preciso adicionar uma dose forte de complexidade, para que nossos espantos não nos aprisionem em cadeias de preconceitos contra as possibilidades, por exemplo, de que viver como um *otaku* pode ser tanto uma resposta desesperada quanto uma atitude deliberada de encontrar-se consigo mesmo neste processo de representação de si. Para a perplexidade, que aceitamos, contra-ofertamos: complexidade. Desse jogo, nos parece, sairão instrumentos mais ricos e menos reducionistas para pensar a configuração das identidades sociais no mundo atual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDALLA, Janaína. *Prisão concreta, liberdade virtual: os atos comunicacionais dos adolescentes infratores*. Dissertação de mestrado em Comunicação. Niterói: PPGCOM/UFF, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1983.
- BARRAL, Étienne. *Otaku. Os filhos do virtual*. São Paulo: Senac, 2000.
- BARTH, Fredrik. “A análise da cultura nas sociedades complexas”, in LASK, Tomke (org.). *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BENJAMIN, Walter. “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, in *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- . “Paris, capital do século XIX”, in KOTHE, Flávio (org.). *Walter Benjamin. Sociologia*. São Paulo: Ática, 1985.
- CORNWELL, Patricia. *Retrato de um assassino. Jack, o estripador: caso encerrado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DOUGLAS, Mary & ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens. Para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: EDUFJR, 2004.
- ENNE, Ana Lucia S. “O defensor do indivíduo: Hermann Hesse e o processo de massificação nas primeiras décadas do século XX”, in *Revista Alceu*, vol. 5, nº 10, p. 94-115. Rio de Janeiro, 2005.
- ENGELS, Friedrich. & MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. Petrópolis, Vozes, 1993.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003a.
- . *Da diáspora*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003b.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Bauru: Edusc, 2001.
- KLEIN, Naomi. “Marcas globais e poder corporativo”, in MORAES, Dênis de (org.). *Por uma outra comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- MANNIX, Daniel. *Freaks. We who are not as others*. New York: Paperback, 1999.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- MILNER JR., Murray. *Freaks, geeks, and cool kids: american teenagers, schools, and the culture of consumption*. New York: Routledge, 2004.
- SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental”, in VELHO, Otávio (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- . *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- WEBER, Max. *Conceitos básicos de sociologia*. São Paulo: Moraes, 1987.